

**OCUPAÇÕES CULTURAIS NO CENTRO DE SÃO PAULO:  
UM ESTUDO COMPARATIVO DAS IMAGENS DE TRÊS  
NOVOS ESPAÇOS CULTURAIS RESSIGNIFICADOS<sup>1</sup>**

**CULTURAL OCCUPATIONS IN SÃO PAULO'S CENTER:  
A COMPARATIVE STUDY OF THE IMAGES OF THREE  
NEW RESSIGNED CULTURAL SPACES**

Tamara Mekhitarian<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo analisa conflitos gerados em ambientes de ocupações culturais na zona central da cidade de São Paulo, em espaços até então degradados. São estudadas ocupações administradas em três diferentes formas, suas especificidades e suas interações: a Vila Itooró, o Red Bull Station e A Espetacular Charanga do França. A questão primordial concentra-se em como essas ocupações estão ressignificando o espaço urbano, alterando o seu ambiente imagético e atribuindo-lhe novos sentidos. O alicerce teórico se pautava fundamentalmente em: Teoria da Imagem, de Norval Baitello Junior; e as pesquisas de James Hillman e Lucrecia D'Alessio Ferrara, no que se refere ao espaço urbano. Além da investigação teórica, o estudo de campo torna-se necessário para analisar o objeto em sentido prático.

**Palavras-chave:** Ressignificação. Espaço Urbano. Ocupação Cultural. Centro de São Paulo.

**Abstract**

This paper analyzes conflicts generated in environments of cultural occupation in the central zone of São Paulo's city, in previously degraded spaces. We study occupations administered in three different forms, their specificities and their interactions: Vila Itooró, Red Bull Station and A Espetacular Charanga do França. The primary issue is how these occupations are redefining urban space, changing their imagery environment and attributing new meanings to them. The theoretical foundation is based mainly on: Image Theory, by Norval Baitello Junior; and the researches of James Hillman and Lucrecia D'Alessio Ferrara, with regard to urban space. In addition to theoretical research, the field study becomes necessary to analyze the object in a practical sense.

**Keywords:** Re-signification. Urban Space. Cultural Occupation. Sao Paulo's Center.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Imagens e ambientes de conflito do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

<sup>2</sup>Mestranda em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); [tamaramek@gmail.com](mailto:tamaramek@gmail.com)

## **Introdução**

Galerias de rua, centros comerciais, lojas de departamento, sedes de grandes bancos e edifícios com fachadas repletas de anúncios. Esse era o cenário do Centro de São Paulo na década de 50, uma época em que “ir à Cidade” significava se deslocar até o Centro para realizar compras e transações.

Ao longo do século XX, o Centro de São Paulo passou por um processo de esquecimento por boa parte dos habitantes da cidade, evidenciando sinais de uma decadência urbana. A transferência de empresas para outros locais da cidade, a deterioração do espaço público, o aumento nos índices de criminalidade, o processo de especulação imobiliária, além da queda da qualidade de vida, foram fatores que ocasionaram um esvaziamento populacional da região. Em matéria publicada pelo jornal El País sob o título “Desigualdade, vitalidade e decadência: o que aconteceu com o centro de SP”, em 12 de maio de 2018, é possível notar que não foi somente um episódio isolado que levou o Centro ao estágio em que hoje se encontra:

Contudo, o fato de que o centro físico de São Paulo deixou de ser o centro dos acontecimentos, em que a maior parte da população não apenas circulava ou ia trabalhar, mas se encontrava e desejava viver, é inegável. O que motivou isso é menos um evento isolado, como a construção ou demolição de uma via ou espaço simbólico, e mais a acumulação de diferentes processos e decisões. Entre os pesquisadores ouvidos pelo EL PAÍS é consenso que essa mudança, representada pelo deslocamento do centro financeiro da cidade para a região da Avenida Paulista, começou a ser sentida de forma mais intensa justamente na década de 1960. (El País, 12 de maio de 2018).

E para potencializar ainda mais a conjuntura, a grande mídia mitificou o Centro como um local perigoso, sujo e feio, reproduzindo essa imagem até hoje. Como por exemplo, neste trecho extraído de uma notícia do Portal G1, em 2015: “A região da Praça da República, no Centro de São Paulo, é alvo de constantes assaltos durante as noites e madrugadas. O local é escuro, tem lâmpadas queimadas, e vira local de prostituição e de descarte de lixo.”

Por volta dos anos 2000, e mais intensificado atualmente, observa-se um movimento de pessoas e coletivos, que trabalham por novas produções de sentido atribuídas ao Centro de São Paulo. São ocupações culturais que atuam para a revitalização e ampliação de espaços urbanos, por meio de práticas alternativas, e que atribuem novos significados a esses espaços, modificando o território abandonado em polo cultural e artístico. Sejam ocupações na rua, festivais abertos e gratuitos ou programações de espaços culturais, essas manifestações são realizadas de forma colaborativa, por meio da formação de um grupo de pessoas com interesses em comum. É importante destacar que, são necessários ainda muitos esforços para a revitalização completa dessa região da cidade e, essas tentativas e movimentos enfrentam uma série de questões, como, por exemplo, a falta de interesse da gestão pública e os embates entre produtores, patrocinadores e público frequentador.

O que antes era um local de transição, do ir e vir, torna-se um local de permanência, de trocas e de convívio. O Centro, historicamente caracterizado por uma zona de consumo passageira, ganha hoje movimentos que favorecem vínculos e sentidos de coletividade. São movimentos que representam novas formas de relações culturais entre indivíduos e grupos, além de apresentarem soluções criativas para questões atuais e ressignificarem a cidade como território para a cultura.

### **Objetos analisados**

A escolha das três ocupações culturais levou em conta que todas promovem, cada uma com atividades diversas, novos significados nos espaços em que atuam e estabelecem vínculos sensoriais. Cada ocupação é administrada de forma diferente e se apresenta ora como um espaço físico, ora como manifestação pontual. A Vila Itororó é administrada pelo poder público, o Red Bull Station é uma iniciativa privada e A Espetacular Charanga do França é formada por um coletivo independente. A seguir, é apresentada cada ocupação e suas especificidades.

A Vila Itororó é um conjunto arquitetônico idealizado pelo comerciante português, Francisco de Castro, com mais de dez edificações construídas ao longo da década de 1920 para fins residenciais e de lazer. A Vila está localizada na encosta do Vale do Itororó, na divisa entre os bairros da Liberdade e da Bela Vista, na região central da cidade de São Paulo.

Ela foi tombada como patrimônio pelo CONPRES (órgão municipal) em 2002 e pelo CONDEPHAAT (órgão estadual) em 2005. Em 2006, foi decretada área de utilidade pública, tendo sido desapropriada pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de São Paulo para fins culturais. As famílias que ali viveram nas últimas décadas, após aproximadamente sete anos de luta e resistência, foram realojadas em habitações sociais, permanecendo na região central da cidade.



A Vila Itororó em seu auge. Imagem sem data. Crédito: Arquivo Milu Leite

O início da restauração da Vila Itororó, a partir de 2013, foi realizado por meio de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e o Instituto Pedra (associação sem fins lucrativos que trabalha com a valorização do patrimônio público em suas dimensões simbólica, material e territorial), vencedor da chamada pública para restauração, por meio de captação de recursos pela Lei Rouanet.



O início da restauração da Vila, em 2013. Crédito: Nelson Kon.

A proposta concebida pelo Instituto Pedra, é incomum. Ao invés de fazer uma obra de restauro de portas fechadas, para depois inaugurar um centro cultural pronto, definido por poucas pessoas, o projeto consiste na abertura do canteiro de obras desde o início do processo de restauro e na instalação de um experimento de centro cultural no meio do canteiro, com o objetivo de compartilhar o conhecimento gerado no local e debater coletivamente os seus usos futuros. Nasce assim a ideia do galpão cultural e suas variadas atividades, como aulas de yoga e de circo, oficinas de marcenaria, clínica pública de psicanálise, cozinha coletiva, além da visita guiada ao canteiro aberto do conjunto arquitetônico em obras.



A fachada do centro cultural temporário, com entrada direta da rua. Crédito: Divulgação.

Um episódio recente colocou em dúvida, mais uma vez, o futuro da Vila. O Instituto Pedra encerrou a sua gestão ao final de 2016, mas como a ONG Novo Olhar, vencedora do novo edital, desistiu do projeto, o Instituto foi chamado para assinar com a Prefeitura um termo de colaboração em caráter emergencial de 6 meses, cujo prazo terminou no dia 10 de março de 2018. A partir dessa data, a gestão da Vila Itororó ficou a cargo da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que até então não lançou um novo edital para que outra associação assumira a continuação dos trabalhos. A programação cultural ficou suspensa até o dia 25 de abril de 2018, quando, por meio de um comunicado oficial no Facebook, a Secretaria assumiu a continuidade das atividades.

Com uma história menos longa e complexa que a da Vila Itororó, mas não menos relevante, o Red Bull Station é um espaço de experimentação cultural promovido pela marca de bebidas energéticas Red Bull. Localizado na Praça da Bandeira, ele ocupa a antiga subestação de energia Riachuelo, desativada desde 2004. O prédio foi construído em 1926 e tombado desde 2002 pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo). Após uma longa reforma para adaptação ao novo uso do espaço e restauro, o prédio reabriu as portas para o público em outubro de 2013. Próximo ao Terminal Bandeira, a iniciativa deu um novo dinamismo à região situada entre as avenidas 9 de julho e 23 de maio, onde até então só reinava o movimento dos ônibus e os seus passageiros.



Década de 70 - À direita, a praça da Bandeira e, à esquerda, o início da Avenida 23 de Maio.  
Crédito: Sem autor; imagem encontrada no site Pinterest.



A subestação Riachuelo abandonada, por volta de 2010, antes do início da reforma. Crédito: São Paulo Antiga.

Com foco em projetos experimentais de artes e música, o Red Bull Station tem entrada gratuita e abriga programas permanentes de residências e ocupações, programação cultural de palestras, debates e workshops, apresentações musicais e exposições, exibições de filmes, além de um estúdio de música. O estúdio é o Red Bull Music Studios, que recebe gravações de programas especiais para a web e também se coloca como um espaço de experimentação e produção musical para artistas. Além de artistas emergentes, nomes consagrados como Ney Matogrosso, Elza Soares, Nação Zumbi e Metá Metá já realizaram gravações no local.



O edifício, já em funcionamento, como o centro cultural Red Bull Station. Crédito: Divulgação.

São muitas as especificidades do espaço, e que serão melhor analisadas no decorrer da pesquisa, mas alguns apontamentos já podem ser colocados. Em primeiro lugar, o Red Bull Station é financiado por uma iniciativa privada da Red Bull, que investiu num espaço alternativo de cultura porque, associar a sua imagem ao estilo de vida “jovem e disruptivo” faz parte do seu posicionamento de marca. Em segundo lugar, a experimentação cultural promovida em seus ateliês e estúdio é condicionada a uma escolha curatorial. Artistas, coletivos, grupos de estudos ou produtores culturais que desejam participar dos programas de ocupação e residência artística, necessitam passar por um processo de seleção, diferente, por exemplo, da Vila Itororó, em que qualquer pessoa pode usufruir o ambiente e seus recursos sem nenhuma curadoria prévia. Aqui, é importante ressaltar que essas especificidades não tornam o espaço melhor ou pior, apenas diferente.

A terceira e última manifestação cultural analisada é A Espetacular Charanga do França. Idealizada em 2013 no período de pré-Carnaval, A Espetacular Charanga do França, liderada pelo saxofonista e compositor Thiago França, propõe uma releitura das tradicionais charangas brasileiras, colocando-as num espaço de interpretação mais amplo onde se encontram: cumbia, maxixe, samba e reggae, entre clássicos e composições próprias. Thiago, que é um denominador comum entre outros projetos da cena musical paulistana, como a banda Metá Metá, começou o projeto como uma brincadeira que acabou levando duas mil pessoas para a rua no Carnaval de 2015 e aproximadamente vinte mil no Carnaval de 2018.



O idealizador, Thiago França, no desfile do carnaval de 2018. Crédito: Guilherme Prado.

Sem carro de som, sem microfone e sem patrocínio, por escolha própria, a banda é composta por cem músicos, sessenta instrumentistas de sopro e quarenta de percussão. A Charanga do França ocupa as ruas do bairro da Santa Cecília durante o Carnaval, concentrando-se na Rua Imaculada Conceição. Não por acaso, a Santa Cecília foi escolhida pelo grupo, que tem como uma de suas motivações ocupar espaços públicos até então degradados. O bairro, que durante muito tempo permaneceu abandonado, ganha hoje ocupações e estabelecimentos que o revigora.



Registro feito por uma moradora da Santa Cecília, de sua janela, durante a passagem do bloco, em 2017.  
Crédito: Tamílie Carvalho.

É interessante pontuar que, o espaço da Charanga não é físico, como os outros dois objetos de análise, mas é um espaço afetivo, que integra também os moradores do bairro numa celebração e ocupação da rua. Neste exercício de ressignificação do espaço urbano, o Carnaval de rua pode ser considerado como um dos mais importantes rituais da atualidade. E pelo fato de se manifestar no espaço público, a Charanga é mais suscetível a interferências externas e mudanças do que a Vila Itororó e o Red Bull Station.

Além dos ensaios abertos ao longo do ano, a Charanga realiza oficinas de instrumentos de sopro com vagas gratuitas. A primeira oficina, em 2016, foi realizada por meio de recursos captados em edital e juntou os alunos aos músicos do bloco. Em 2017, a Charanga foi aprovada em edital do Proac para uma segunda oficina com enfoque social, privilegiando mulheres e negros.

## **Conflitos imagéticos**

A partir dos estudos dos estudos de Norval Baitello Junior e sua Teoria Ambiental das Imagens, com base nos autores Harry Pross e Dietmar Kamper, vamos analisar o ambiente que as ocupações culturais estão construindo. Se, de acordo com Baitello, os processos comunicativos são construções de vínculos e a mídia primária, ou seja, o corpo, é fundamental nessa relação, o que estas ocupações buscam é justamente estabelecer vínculos entre as pessoas e entre as pessoas e o espaço.

O excesso das imagens provoca a hegemonia da visualidade, em detrimento dos outros sentidos do corpo. O que a mídia terciária produz, com grandes intenções do poder público por trás, são imagens negativas a respeito do Centro de São Paulo, gerando conflitos com o que de fato aquele ambiente está construindo. A imagem produzida pela mídia terciária é, muitas vezes, contrária à imagem que as ocupações estão criando a partir da corporeidade, alterando a percepção de quem só consome as imagens da mídia terciária. Sob essa perspectiva, Baitello aponta que:

Quanto mais vemos, menos vivemos, quanto menos vivemos, mais necessitamos de visibilidade. E quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade e tanto menos capacidade de olhar. Assim, o primeiro sacrifício desse círculo vicioso termina por ser o próprio corpo, em sua complexidade multifacetada, tátil, olfativa, auditiva, performática e proprioceptiva. A redução do corpo a “observador da observação” é o testemunho mais patente de um processo de perda da propriocepção (o sentido do corpo para a percepção de si mesmo). (Baitello, 2014).

Os conflitos presentes na Vila Itororó permeiam a própria existência do centro cultural temporário como espaço de criação de vínculos. Desde 2006, quando as pessoas que ali viviam tiveram que deixar suas casas para a criação de um centro cultural que até hoje não se concluiu, a Vila sofre questionamentos. Para tentar resolver os conflitos, a partir da construção de um ambiente que possibilite vínculos, o Instituto Pedra inaugurou uma série de atividades para promover o diálogo. A partir de experimentações e debates públicos, as decisões sobre o uso do centro cultural temporário são tomadas envolvendo a participação de

ex-moradores, frequentadores do espaço, artistas, pesquisadores, arquitetos e trabalhadores da obra. Além da ampla programação de aulas de dança, yoga, cozinha coletiva e outras práticas que contribuem para a presença da corporeidade.



Registro das atividades realizadas no *Laboratório: Experimentos de uma vida em comum*, em janeiro de 2018.  
Crédito: Rafael Frazão.

O psicólogo norte-americano James Hillman compreende a espacialidade como detentora de uma alma – *anima mundi* – que influencia na forma como os habitantes se relacionam com a cidade e consigo mesmos, e por se apresentar cinzenta e impessoal, degrada as relações ali mantidas. Segundo o autor, o movimento de devolver alma ao mundo significa conhecer as coisas a partir do conhecimento carnal, ou seja, perceber o mundo sem mediações. Em termos mais objetivos:

Também precisamos de lugares para o corpo. Lugares onde os corpos possam se ver uns aos outros, encontrar-se, tocar-se [...] levando nosso corpo físico para a cidade. Em outras palavras, estou enfatizando o lugar da intimidade dentro de uma cidade, pois intimidade é crucial para a alma. [...] Desde o início, o propósito da construção de uma cidade foi algo instintivo nos seres humanos: querer estar junto, imaginar, falar, fazer e trocar. (Hillman, 1993: 41).

Este mundo sem mediações, é o exercício de retomada do corpo presente frente a hegemonia da visualidade, compartilhando os mesmos espaços e estabelecendo vínculos. Em entrevista concedida à produtora Infame, em março de 2018, o idealizador da Charanga do França, o músico Thiago França, expõe sua intenção ao criar o bloco de carnaval:

O carnaval é totalmente político, sua função é frear, parar a máquina. Você joga luz para uma série de questões: por que a gente não pode ir pra rua? De quem é o direito de usufruir a cidade? [...] As pessoas precisam de respiro, elas precisam viver, estar na rua, a música tem esse papel de humanizar o mundo, humanizar a cidade, humanizar as pessoas. (França, 2018).

O ambiente criado pela ocupação de Charanga do França compreende o corpo em sua totalidade, festejar e ocupar a cidade é dar um novo significado ao espaço cinza, que se transforma em espaço de vínculos com a presença de corpos, cores e sentimentos. Para analisar a transformação do espaço físico em espaço comunicacional, o conceito de “especialidade mediativa”, de Lucrécia D’Alessio Ferrara, contribui para as análises:

Portanto, a espacialidade constitui representação do espaço e sua semiótica permite entender o modo como, em espacialidade, o espaço se transforma em lugar, não físico, mas social, onde se abrigam a comunicação e a cultura nas suas dimensões históricas, sociais e cognitivas. (Ferrara, 2008: 13).

A imagem do bairro Santa Cecília, produzida a partir da ocupação da Charanga do França, também entra em conflito não só a imagem que a mídia terciária produz sobre o bairro, mas também com a imagem que alguns moradores e trabalhadores da região têm a respeito deste espaço. Um apontamento possível é o confronto dessas imagens para que o diálogo se abra, estabelecendo reflexões e vínculos entre diferentes pontos de vista, uma vez que a rua é um espaço aberto e passível de conflitos.

## Referências

BAITELLO, Norval (2014). A era da iconofagia. Ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Arquivo Kindle.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio (2008). Comunicação espaço cultura. São Paulo: Annablume.

HILLMAN, James (1993). Cidade & alma. São Paulo: Studio Nobel.

### Referências eletrônicas:

Infame. (2018). “O Carnaval é Totalmente Político”: Thiago França e a sua Charanga. [Entrevista concedida para o portal Infame no formato de vídeo]. Recuperado em 6 de outubro, 2018, de <https://infame.us/2018/03/05/o-carnaval-e-totalmente-politico-thiago-franca-e-a-sua-charanga/>

Oliveira, André. (2018). Desigualdade, vitalidade e decadência: o que aconteceu com o centro de SP. *El País Brasil*. Recuperado em 6 de outubro, 2018, de [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/11/cultura/1526065149\\_527001.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/11/cultura/1526065149_527001.html)